

124

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO



Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$5

É desportista ?

É do Norte ?

Compre ———
CAFÉ CAMPEÃO

CASA HOLANDEZA

Waldemar & C.^a

Rua Fernandes Tomás



—Allô! Allô! Muraline?
—... ..
—Mande-me 10 quilos mais.
—... ..
—Sim. Urgentemente. Como diz?
—... ..
—Satisfeitíssima!

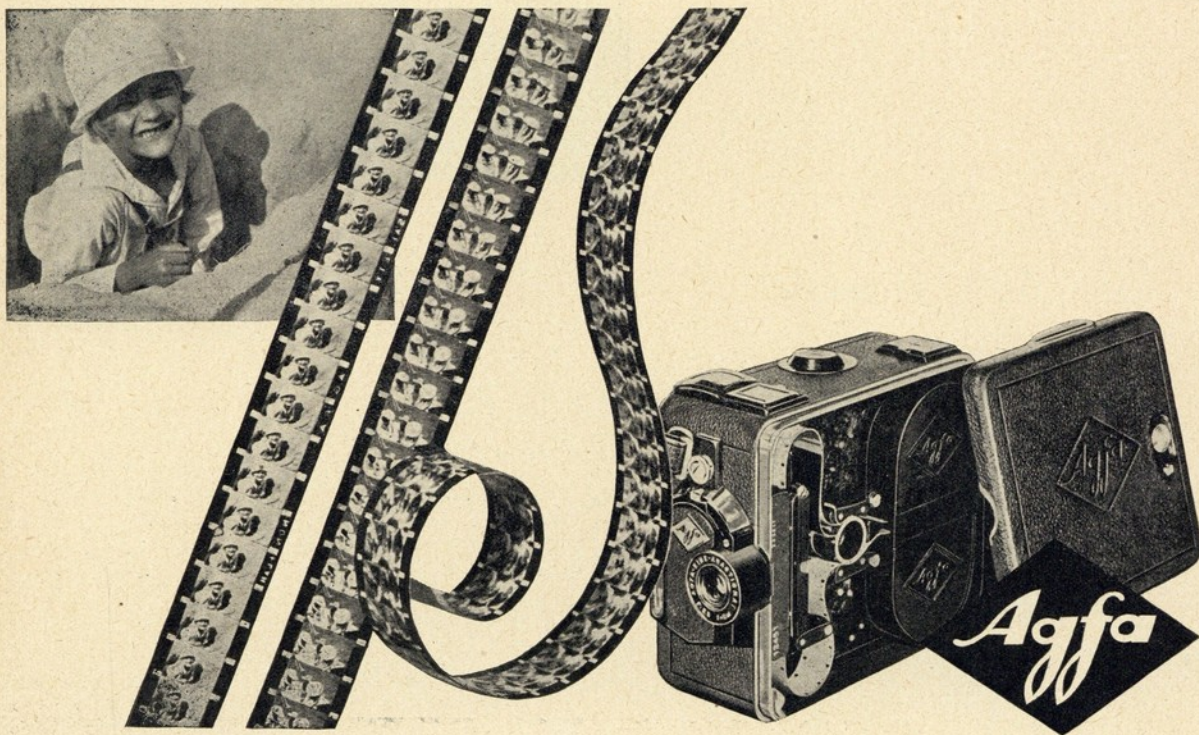
MURALINE

TINTA A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.^A, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

Porque não faz um filme dos seus passeios?

As horas de alegria,
os seus filhos,
os seus amigos,
ou, mesmo, a
sua namorada,
viveriam eternamente diante de si, com a
mesma juventude e a mesma frescura...



Peça um prospecto da AGFA-MOVEX ao seu fornecedor de artigos AGFA

PALAVRAS DE EXPLICAÇÃO

Duas empresas perfeitamente organizadas fazem cinema, neste momento em Portugal: a TOBIS PORTUGUESA cujo primeiro trabalho se chama *Canção de Lisboa* e o BLOCO H. DA COSTA cujo primeiro trabalho se chama *Gado Bravo*.

Claro: como Portugal é um país pequenino e como as duas empresas em questão são genuinamente portuguesas, surgiu imediatamente a nossa costumada publicidade, sem amabilidade, sem camaradagem e sem lógica. António Lopes Ribeiro ou algum dos seus redactores, deu, no «Anima-tógrafo», meia dúzia de «piadas» à TOBIS, piadas, é certo, com espírito, mas assim mesmo piadas.

A TOBIS por sua vez, fez a mesma coisa na «Imagem», verdade seja, com muito menos espírito e com muito mais violência.

No fundo, quer a TOBIS quer o BLOCO, pretendem vender o seu peixe, como é uso dizer-se, o que é justo, decente e normal.

Simplemente empregam para isso um processo que deixa de ser qualquer destas coisas, para ser desagradável, baixo e mesquinho.

A mim ou a MOVIMENTO não interessa que *Gado Bravo* seja melhor que *Canção de Lisboa* ou vice-versa.

Interessa apenas informar o melhor possível os nossos leitores e auxiliar — mantendo, é claro a nossa directriz de independência — a nascente indústria cinematográfica.

MOVIMENTO não está, portanto, ao lado de qualquer destas empresas. Está, por princípio por interesse e por inteligência, ao lado do Cinema Nacional que pretende ver chegar ao lugar que merece possuir, ao lugar que pode, deve e há-de alcançar entre as indústrias cinematográficas dos outros países.

Vistos os processos de trabalho e as intenções das duas empresas, parece-me — esta opinião é absolutamente pessoal e intransmissível — ser o BLOCO e não a TOBIS quem está no caminho mais lógico, mais inteligente e mais prático, mais acertado, portanto.

Aquilo que o próprio H. da Costa me disse na sua passagem pelo Pôrto, aquilo mesmo que a sua conferência radiada afirmou, parece-me acertadíssimo, continuando, é claro, a condenar os seus ataques à TOBIS, como condeno igualmente aquilo tudo que a «Imagem» tem feito contra o BLOCO.

Que querem? Acho absolutamente justificável que se diga: «o nosso filme é melhor», achando a par disso absolutamente inferior que se diga: «o filme dos outros é peor». Isto, é claro, por uma simples questão de elegância intelectual.

No entanto, é absolutamente possível que os dirigentes destas duas empresas não concordem comigo.

Eu, de resto, nada tenho com isso: «boa colheita terá quem boa sementeira fizer»...

Como se disse, interessa apenas a «MOVIMENTO» informar o melhor possível os seus leitores e auxiliar, na medida das suas pequenas forças, a formação da indústria cinematográfica nacional.

Aquilo que podia fazer a nossa revista, era ajudar a crear à volta dos dois primeiros fonofilmes nacionais da nova tentativa, o interesse expectante e a ansiosa curiosidade que mereciam e necessitavam.

Para isso foram as nossas páginas oferecidas *gratuitamente* ao BLOCO H. DA COSTA e à TOBIS PORTUGUESA.

A boa ou má educação com que cada uma das empresas respondeu ao nosso oferecimento, a inteligência ou falta de inteligência com que as nossas palavras foram interpretadas por aqueles a quem as dirigimos, fizeram com que, de momento, nos não seja possível publicar fotografias senão de GADO BRAVO.

Esperamos, porém, poder publicá-las também de «A CANÇÃO DE LISBOA», não as conseguindo por intermédio da própria «TOBIS» a quem «MOVIMENTO» não voltará a dirigir-se, mas sim, conseguindo-as por intermédio do «Trindade», que exhibirá este fonofilme. E não quero dizer mais...

armando vieira pinto

PALAVRAS — EM MOVIMENTO

Há duas espécies de pessoas que se preocupam com o cinema: Os que sonham e os que somam.

Vocês são dos que sonham. Sem sonho não há realidade que valha a pena viver-se.



Para mim os grandes profissionais são os que ficam eternamente bastante amadores. Mas ser amador, não é brincar às profissões. É amá-las. Dominá-las e não ser vencido por elas. O cinema exige de quem o cultiva conhecimentos difíceis de obter e que são o lastro rude da profissão. Mas é preciso que o espírito fique entusiástico, luminoso e ligeiro, e que haja no trabalho uma alegria fecunda, para que a obra resulte humana.



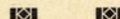
De Gance, dizia René Clair, em intimidade: «Respeito-o. É um torturado. Faz escultura, faz pintura, faz literatura. Mas onde está a alegria para fazer cinema?».



O pior é que o próprio René nunca a teve, na aceção aceite correntemente. A sua alegria é transcendente. Talvez por isso os seus filmes estão cada vez mais longe da multidão.



Há anos dizia Lang a um jornalista na sua antiga casa de Berlim, entre mármore negros, catatuas persas e a sua vasta colecção de esculturas africanas. «Não vou trabalhar para os americanos porque pertenço à Alemanha. Bem vê, eu não como bifés de ouro. E para bifés de carne ainda me pagam os alemães». Os tempos mudaram agora. O Lang foi para a FOX. Ou mudou de opinião, ou os alemães lhe foram ao bife.



A Pola Negri que anda a esconder os pés de galinha pelos studios de Paris, lá conseguiu um contrato muito a custo.

Há anos entrei no estudio da Rue Francoeur onde Gaston Ravel dirigia uma das suas elegantíssimas empadas históricas. Era o dia em que a Pola, então vedeta em voga, tinha fugido para Londres deixando em seu lugar um advogado que se esforçava por defender a estrêla das fúrias inúteis do realizador. As razões aparentes dessa fuga tinham sido estas: Ausencia de casa de banho no camarim, e falta a esta condição de contrato: Desinfectar-se o ar do estudio com o licôr antiséptico de Pola...

No fundo parece que a verdadeira razão era um «boxeur» inglês e um contrato com a British.



Dum certo realizador português que tinha a mania de bater nas mulheres, dizia alguém com certa ironia, ao referir-se à atriz com quem êle vivia, e que aparecera com o corpo todo pisado: «Não fez dela uma Pola Negri,—mas po-la negra...».



E, em movimento, meus amigos, não sei dizer coisas profundas...

l e i t ã o d e b a r r o s

Foto de LUIZ NUNES



OLLY GEBAUER E RAUL DE CARVALHO, OS PRIMEIROS PAPEIS DE «GADO BRAVO» DO BLOCO H. DA COSTA

BEATRIZ COSTA

GANHOU A

PRIMEIRA ASSEMBLEIA GERAL

Os nossos leitores ouviram finalmente o apêlo que daqui lhes dirigimos no penúltimo número. Choveram depois disso sôbre a nossa mêsã da redacção centenas e centenas de cartas, vindas de todos os pontos do país. Tôdas elas nos traziam, acompanhando o voto, palavras de entusiasmo e de incitamento que fartamente nos compensaram da falta de verdadeiro interêsse que o nosso concurso obteve do público, quando primitivamente o anunciamos. Falta de interêsse, é claro, em relação àquilo que ambicionavamos. E a prova de que tal ambição era legítima e justificada está aí nêsse montão de cartas que se ergue sôbre a nossa mêsã de trabalho e que nos veio provar que não nos enganavamos quando supunhamos possível fazer eleger pela maioria das pessoas que nos leem e que nos seguem — com um aplauso constante que muito nos desvanece — a rainha das estrélas de cinema, aquela que pretendiamos fôsse entronisada como madrinha do «Movimento».

A totalidade dos votos recebidos foi de 1.384. Feito o apuramento final, obtivemos o seguinte resultado:

BEATRIZ COSTA	325	votos
Lilian Harvey	246	>
Norma Shearer	229	>
Marlène Dietrich	112	>
Brigitte Helm	94	>
Dina Tereza	61	>
Kate de Nagy	54	>
Greta Garbo	43	>
Silvia Sidney	38	>
Nita Brandão	32	>
Jeanette Mac Donald	27	>
Janet Gaynor	25	>
Joan Crawford	21	>
Artistas com menos de 20 votos	77	>
										1384	>

Foi, portanto, eleita Beatriz Costa. É com a maior satisfação pessoal que transmito a todos os nossos amigos esta agradável notícia. Em primeiro lugar, é-nos grato verificar que a escolha recaiu numa artista portuguesa. Depois, temos que reconhecer, sem desprimor para ninguém, que a eleita merecia realmente essa consagração. Com efeito, Beatriz Costa, que ha muito conquistou a simpatia do público de teatro, tornou-se pela interpretação de um único papel igualmente querida do público cinéfilo português. É que bastou êsse simples trabalho para que ela marcasse entre nós um lugar inconfundível pela sua graça, pela sua vivacidade, pela sua irrequieta juventude.

Os nossos leitores não quizeram, certamente, ao indicá-la, pôr o seu valor como artista ou como mulher em confronto com o das mais célebres vedetas estrangeiras. As razões que os levaram a preferi-la devem ser, creio eu, as mesmas com que defendeu o seu voto a nossa leitora *Maria Clara*, de cuja carta extractamos os seguintes períodos:

«Mando-lhes o meu voto pela Beatriz Costa. Se me perguntarem porque o faço, dir-lhes-ei que não é, decerto, por considerar melhor do que tôdas as outras artistas, de cá ou de lá de fora. Não quero significar, por exemplo, que ela seja mais graciosa do que a Lilian Harvey, para quem iria o meu voto se não entendesse preferível dá-lo a uma artista portuguesa. O «Movimento» é uma revista portuguesa, vocês são todos portugueses e agora que se começa a trabalhar a sério para fazer cinema português, não acham que a vossa madrinha devia ser tambem uma artista portuguesa? As estrangeiras são muito interessantes sob todos os pontos de vista, mas..... são estran-

ESPERAMOS QUE BEATRIZ, MADRI-
NHA-ELEITA DE «MOVIMENTO»
SEJA AMIGA DOS SEUS NOVOS
AFILHADOS E OS ANIME UM
POUCO...



geiras: Nem ao menos sabem português para poderem ler o «Movimento». Ao passo que a Beatriz é nossa, nasceu na nossa terra, fala e vive como nós. Que diacho! — é um dever elementar de patriotismo preferir produtos portugueses».

Estas palavras, na sua forma simples e graciosa, encerram uma grande verdade e — porque não confessá-lo? — uma grande lição.

É necessário realmente a gente perder esta preocupação doentia de adorar, reverenciar apenas o que é estrangeiro. O triunfo de Beatriz Costa vai com certeza satisfazer plenamente todos os nossos amigos, mesmo aqueles que não votaram nela.

Receba a ilustre artista esta homenagem do «Movimento», quasi no início da sua carreira cinematográfica, como testemunho de admiração e simpatia dos nossos leitores, os quais com a escolha do seu nome quiseram sobretudo significar que poem a maior esperança no seu talento — e que confiam nele.

v a s c o r o d r i g u e s

REPAREM

Aqui têm os senhores uma rapariga portuguesa, filha de portugueses, nascida e criada em Portugal.

Portanto nossa, real e perfeitamente nossa, desde o mais pequeno traço exterior até ao mais escuso pormenor psicológico.....

Façam como eu: ponham de parte a visão imprecisa que lhes dariam os olhos do corpo e encarem-na com os olhos, mais profundos, do espírito.

Suas dominantes qualidades são — não lhes parece? — aquelas que formam, afinal, o grande fundo interior de todas as nossas mulheres: blandícia, bondade, meigo carinho e uma generosidade infinita.....

Deve, esta rapariga de olhos claros e harmoniosa beleza, sêr propícia ao Amôr. Não a êsse em que vocês erradamente pensam e pelo qual erradamente anseiam, mas ao outro, o Grande, o Verdadeiro, o que vale-a-pena, êsse que não queíma e docemente aquece, êsse que não é fugaz, mas duradoiro: mútua amizade, mútua ternura, confiança plena..... E apenas, a florir certos momentos de agitação mais alta um desejo leve, natural, sádio.....

Deve, esta rapariga, saber perdoar, consolar e acarinhar..... Suas mãos serão doces, com certeza..... Devem, seus olhos claros, olhar de frente, confiadamente.....

E, voltando à frase que eu próprio já escrevi um dia, e para a qual não encontro com facilidade

qualquer substitutivo, se é certo que esta rapariga não deve despertar grandes paixões, deve, mesmo inconscientemente, fazer que a gente seja muito-seu-amigo.....

*

Santos de casa não fazem milagres. Não vos direi pois quem é, como se chama, nem onde móra. Vou talvez contrariá-la um pouco. Feminina, deve ser vaidosa e com dezoito anos toda a gente é infantil.....

Emfim: a vizinha aqui do lado, como vocês todos, quer fazer cinema. Como vocês todos, ainda, é natural que perca êsse lindo sonho juvenil.....

Perdão, não riam! É natural que perca êsse lindo sonho juvenil, mas por ter conseguido realizá-lo.

Ao passo que vocês.....

armando

O CINEMA E O CAPITAL

O cinema é, de tôdas as artes, a mais sujeita ao capitalismo, pelo custo fabuloso do seu material e meios técnicos, e ainda pela dependencia esmagadora dum público mal orientado por uma forte propaganda que cuida demasiado de estrélas e astros, e nada de ideias e processos artísticos.

Nos U. S. A., por exemplo, onde a indústria cinematográfica atingiu uma perfeição técnica inegalável, a organização comercial e o maquinismo tomaram tal desenvolvimento que esmagam e subjagam por completo, o homem, ou melhor — o artista. O dinheiro e a máquina transformaram-no num perfeito autómato. E quere-me parecer que, para se fazer um filme em qualquer daqueles studios de Hollywood, nada mais é preciso do que o habitual «On tourne!» A máquina está preparada e basta meter-lhe o porco por um lado para sair o chouriço pelo outro. E Duhamel tem razão quando se insurge contra o cinema norte-americano. É certo que há excepções; mas como sempre, servem apenas para confirmar a regra.

Visto um filme americano — estão vistos todos os outros. O mesmo fundo moral, a intriga anterior ligeiramente disfarçada; os artistas parecem todos gémeos, de igual estatura e com traços semelhantes, actuando sempre do mesmo modo. Tudo aquilo é em série: argumentos, realizações, processos, artistas, etc.....

Quando um filme é um successo de bilheteira serve de modelo para dezenas de filmes semelhantes. Tal qual como na indústria de automóveis; depois de se ter estudado um tipo de carro, é reproduzido em série aos milhares.

Traíram os fins humanos, sociais e educativos duma arte utilizando os seus meios para simples especulação comercial, imprimindo no celulóide vida falsificada nos studios, a qual é tam funesta ao espirito e à cultura dum povo como o azeite falsificado pelo merceeiro o é ao estômago daqueles que inconscientemente o ingerem.

Procuram homens e mulheres cuja figura insinuante deixa prever a futura adoração do público, e à fôrça de cartazes espampanantes, fotos e artigos que uma colossal organização de publicidade faz chegar às redacções de tôdas as revistas do mundo, convertem-nos em verdadeiros ídolos. Assim, do Clarck Gable, a última vitória do tipo de galã americano, ainda não tinha corrido em Portugal um único filme e já ingénuas cinéfilas lhe escreviam cartas apaixonadas pedindo fotos com dedicatória.

Em vez de se estudarem temas humanos, escolhendo depois os interpretes segundo as exigências dêsses temas, escrevem-se e adaptam-se histórias de propósito para esta ou aquela artista, de maneira a pôr em evidência tôda a sua beleza física e todo o seu «sex-appeal». O mesmo parece acontecer quando se pretende lançar um novo realizador. Um núcleo de técnicos e artifices, à disposição dos quais se põe milhões, são a garantia da sua feitura, assim como o carimbo Paramount, M. G. M., ou o de qualquer outra empresa, é a garantia da sua expansão mundial. E temos a impressão de que a principal função do realizador é justamente assinar a obra para lhe dar paternidade legitima; pois que o público sempre se pelou por ídolos a quem incensar.....

Êstes filmes que, tècnicamente, resultam irrepreensíveis, pela perfeição da fotografia, pela precisão matemática dos «travellings», pela grandiosidade dos dispendiosos «décors» etc....., falham quási sempre, senão sempre, sob o ponto de vista humano e artístico. Sendo o produto da colaboração de muitos, não podem nunca ter o

carácter e a personalidade que teriam caso fossem dirigidos por um só — mas competente; auxiliado, sim, por outros elementos, mas nunca a eles subordinado.

É sabido que ao capitalismo de modo algum interessam temas que desenvolvam problemas de ordem psicológica ou social. Um único fim os atrai (e isto acontece em todos os países com excepção da U. R. S. S.) —: o resultado comercial dos filmes. Tendo como objectivo multiplicar milhões, as empresas cinematográficas são agentes de perniciosa propaganda de erotismo preverso, de falso optimismo, duma fictícia concepção da vida, com sol fabricado no interior dos stúdios.

Na U. R. S. S. onde o resultado dum filme não se verifica na bilheteira dos cinemas, mas sim através da acção educativa que exerça, o cinema tem como finalidade uma enérgica propaganda política e social. Todavia ainda aí não é plena a liberdade do artista, visto que toda a sua actividade está limitada pelo actual regimen político. Ora é necessário que a personalidade do artista possa exprimir-se com plena liberdade. Nada de sujeições! Que nenhuma opressão venha limitar a sua espontaneidade criadora.

René Clair após a exhibição de «À nous la liberté», filme que, só por si, era já uma crítica à escravidão do mundo capitalista, escreveu, no «Temps», um artigo no qual combatia a opressão do capital sobre o cinema. Outro martirizado tem sido o grande Pabst. Cientes do seu valor, certos capitalistas têm-lhe oferecido somas fabulosas para que ele faça um filme a seu gosto; mas logo que Pabst lhes apresenta o plano duma obra sã e pacifista, imediatamente lhe voltam as costas. Assim já não lhes agrada o negócio. Pabst, porém, tem sido de ferro, cedendo apenas em parte nos seus dois últimos filmes: «Atlântida» e «D. Quixote».

O seu sonho, um filme sobre a guerra futura, sobre a horrível catástrofe em que o mundo será aniquilado pelo choque de interesses mesquinhos e particulares, e pelos ódios injustificados das nações e das raças, esse grande filme, que seria uma grande lição ao mundo, esse nunca encontrará por certo capitais que o financiem.

Não está certo que o desenvolvimento duma arte permaneça assim, na dependência duma burguezia que sob a capa da finalidade artistica apenas explora um negócio rendoso. (E venham-nos depois dizer «o público quere, o público pede», quando este se limita a receber passivamente aquilo que lhe apresentam).

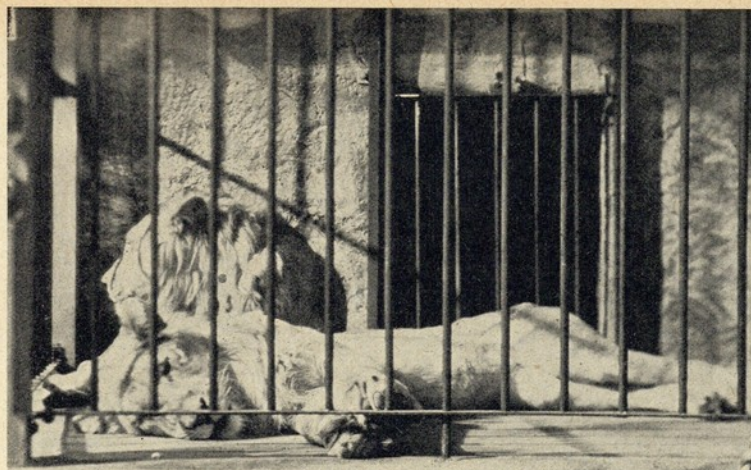
Sendo o cinema, de todas as artes, a que maior e mais directa influencia exerce sobre a mentalidade popular, succede que se parte da falsa e criminosa opinião de que o espectador nada mais necessita e deseja do que saborear por um preço minimo e confortavelmente instalado na sua cadeira, um espectáculo alegre e divertido que lhe faça esquecer as canseiras e dissabores duma vida extenuante. E o público esquece que a sua vida é atribulada por uma péssima organização social e económica, aceitando por uma cómoda e grosseira cobardia aquela aviltante compensação que lhe oferecem.

Ora o cinema precisamente, poderia, como nenhuma outra arte, apontar esses males e as suas consequências quando mais não fôsse tomando como temas dominantes os múltiplos problemas que o homem defronta na sua vida sexual, na sua vida familiar, na sua vida profissional, na sua vida económica e na sua vida social.

Mas o público continúa procurando apenas a distracção, inconscientemente influenciado pelo falso e vasio espectáculo que lhe dá volta ao miolo. Assim alguns principiam por deixar crescer um ridículo bigódinho como outros acabam na prática de actos criminosos, na vã ambição de ser como no cinema....

É portanto necessário acabar com o cinema-negócio. É necessário arrancar a indústria do cinema das garras nefastas do capitalismo. É necessário que o cinema seja apenas isto: um órgão de criação artistica, e de acção educativa e social.

m a n o e l d e o l i v e i r a



A FEÉRIE ANIMAL "REVOLTA NO ZOO"

Do grande crítico francês Georges
Altman, traduzimos com a devida vénia,
esta página publicada no MONDE.

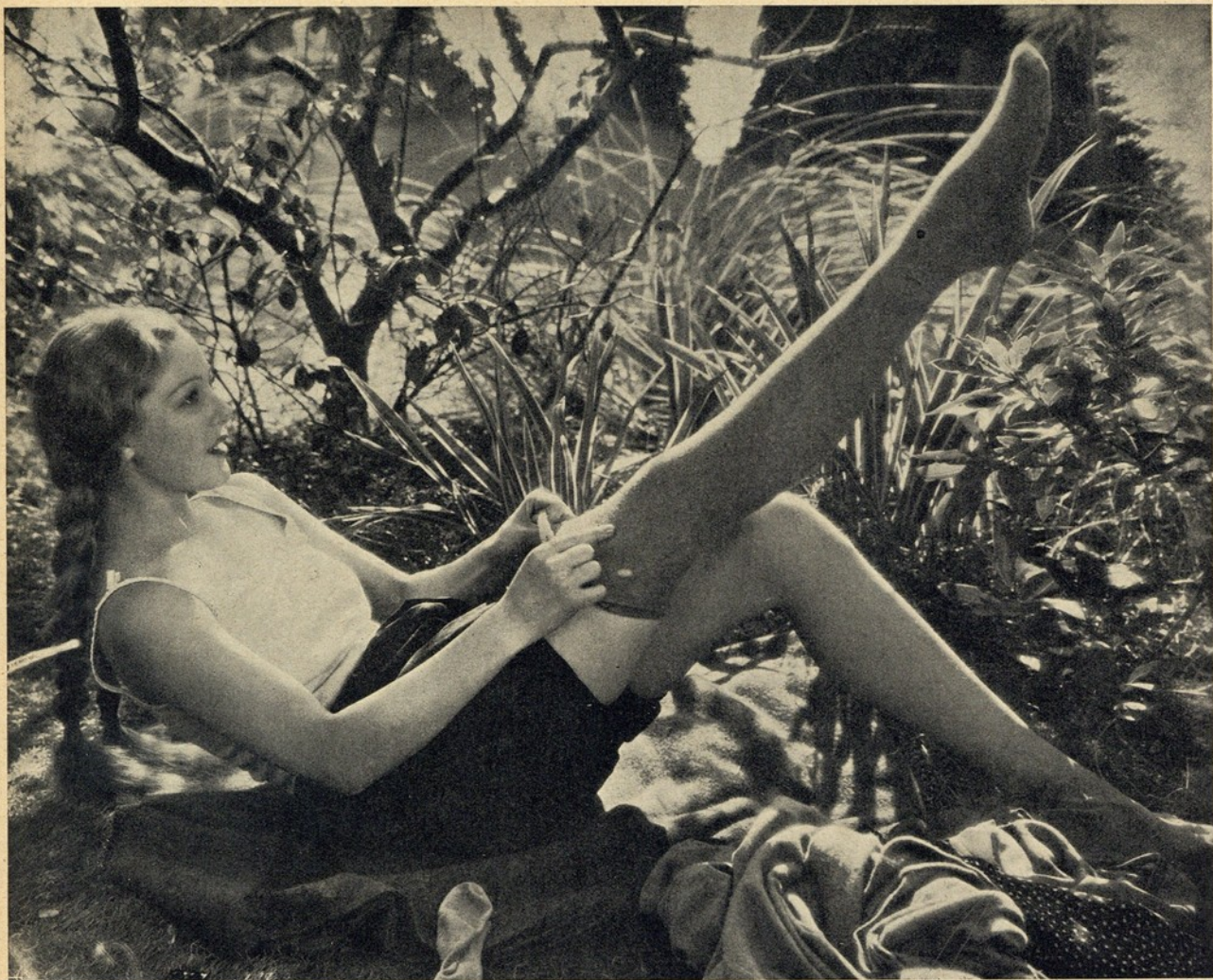
Há, no «Livre de la Jungle» de Kipling, uma passagem de misteriosa beleza: o pequeno Toómai, filho do grande Toómai, guarda dos elefantes, fugindo noite alta para a floresta virgem vê, surpreso, o que ninguém ainda conseguira vê: a dança dos elefantes selvagens numa clareira, o baile imenso e sagrado dos grandes animais cinzentos fantásticamente embranquecidos pela lua: «A dança dos elefantes!». Toómai será o único, de todos os tempos, a tê-la visto. E mais tarde, empoeirado no dorso de um elefante-rei, será sagrado, êle também, grande cornaca.

Foi um pouco dêste bruxedo, dêste profundo encanto que tôda a «Jungle» de Kipling possui, que eu encontrei um destes dias no cinema. Fêras e árvores num jardim, um enredo que parece um conto, e estas duas coisas tam simples bastam para dar um novo fôlego ao jôgo das sombras e das luzes, o grande jôgo dos homens de hoje que os cativa e ultrapassa! E que a química mágica do filme tome conta dêsse jardim e o faça desvendar-nos o seu segredo.

Um Jardim Zoológico, um «zoo», um grande parque de feras como êsses, admiráveis, d'Anvers, de Berlim, de Viena, de Budapest, é um mundo. É uma floresta viva, uma floresta formigante de nascimentos, de lutas e de mortes, que se fixou deante de nós que de outro modo jámais poderíamos vê-la. O cinema, eterno buscador de assuntos e habituado a trabalhar o assunto em série, saturou-nos já de tudo o que se pode fazer no género rugidor.

D'oravante estamos blindados para os filmes de fêras. O combate do leão e da pantera, da serpente e do elefante, a grande caçada e o poste de tortura, o crocodilo e o hipopótamo... Esgotamos os prazeres exóticos; assim, o que não seja mais que «espectáculo pelo espectáculo», morre rapidamente; assim, o «sensacional» devora-se a si próprio. E não é «clou» dêste filme a revolta das feras no «Zoo» que nos interessa. Isso já não existe e deixa-nos frios. Histórias de «ménagerie», histórias de circo, ou essas odiosas aprendizagens que se fazem nas pistas à custa de chicotadas, detonações e rugidos, «grang-guignol» de romaria, mais nada! De resto, se elogio êste filme é porque, pondo de parte o «morceau de bravoure» do final, o filme é de facto admirável de mistério e de penetrante poesia, conseguida com alguns olhares de animais, nevoeiros nocturnos fluctuando sobre um lago, árvores de que sentimos o frémito vital, uma paisagem que a noite transforma em reino dos sonhos, e em que dois seres jovens tentam amar-se, longe do mundo que finalisa deante das grades do jardim.

É pois uma doce, uma imprevista maravilha, êste «Zoo em Budapest»: como Mowgli era o filho de tôdas as feras da floresta, Zanni é o irmão de tôdas as feras do Zoo. Elas amam-no, êle também as ama. Deita-se debaixo dos pés do elefante Rajah, e êste, ao andar, nem de leve o afiora; os seus olhos e os olhos humanos da gazela compreendem-se; agarra as aves dos trópicos e elas cantam; conhece o tormento inquieto dos macacos pelos filhos; respeita o sonho íntimo do tigre; salta ágilmente por cima das barreiras; sobe às árvores; é, o bom gênio humano desta feérie animal rumorejante de penas brilhantes e luzente de belas peles; não deseja que matem as feras, e, ágilmente,



ENTRE AS ERVAS ALTAS, PARA ALÉM DO LAGO . . .

rouba dos ombros das luxuosas e preciosas visitantes os abafos, despojos dos seus amigos. Isto de tal modo que o director do Zoo, apesar-de amá-lo se vê obrigado a ceder à indignação do seu chefe de escritórios e a entregar Zanni às leis do mundo, para lá das grades...

Agora Zanni está longe do parque. Segue um rebanho de jovens pensionistas com feios uniformes; uma delas, de belos olhos de gazela aneia liberdade e amor.

E Zanni murmura, dirigindo-se às feras na jaula e ao rebanho das orfãs: «Tu querias ser livre e podes sê-lo, mas não sabes...»

A rapariga foge. Zanni encontra-a, durante a noite, no imenso parque deserto. Fecham-se as grades. No Jardim estão apenas Zanni, Eva a pensionista, e, sem que eles o saibam, um rapazinho que voltara sosinho para tornar a ver o elefante e que se perdêra. A maravilha começa, feita de silêncios, de frémitos, de rumores confusos, de doces imagens cinzentas e esbranquiçadas, de gritos abafados de animais que sonham, de ternos focinhos, de grandes corpos ágeis que o sono divinamente distende. Mais longe, sempre mais longe, no jardim de sonho, longe das grades, deitada nos grandes fetos para além do lago, Eva despe o seu traje de pensionista e veste um fato que se mistura às ervas e à folhagem... A velha vestimenta odiosa rola, cai à água com o mesmo ruído alegre que faz um grande cisne, ali perto, mergulhando e deslizando. Zanni olha-a. A noite divina tomou posse do Zoo. E os sonhos tímidos e simples das feras velam pelo sonho tímido e simples destes dois filhos dos homens, enquanto o silêncio, o silêncio amigo lhes protege o amor...

As altas ervas escondem os seus corpos juvenis. Brancas névoas fluctuam sobre as águas tranqüilas do lago. Na sua gaiola o tigre parece sorrir. Um flamingo solene dorme serenamente de pé, e, de quando em quando, faz com a cabeça um gesto grave de aprovação... Súbitamente um grito, como de fera louca... Zanni precipita-se... É o pequenito que se perdêra ao procurar o elefante. Consolam-no. E agora já são três...

Entretanto, junto das grades, do lado dos homens, prepara-se o combate: procuram Eva, Zanni e o rapazinho. Um grotesco exército de guardas e funcionários armados de archotes faz, a passo, uma batida ao Zoo. Rodando pelas colinas, esbarrando com as árvores, os fora-da-lei fogem, aflitos... E tudo se concluirá numa revolta das feras em que Zanni se mostra heróico. Casamento, dinheiro happy-end, etc.

Para viver, tanto necessita o homem de pão, como de poesia.

E essa fome de sonho que as multidões inconscientemente possuem, o cinema e só cinema poderá satisfazê-la, num mundo em que se tornou impossível ser o poeta o éco sonoro de um povo. Cinema, poeta múltiplo e gigante, cinema, meu belo sonho, único sonho possível à multidão da terra, ao povo do mundo!

Cinema? Um pedaço de poema popular dirigido a todos. O cinema é isto. Dá vida à poesia, honra do homem, criando novos valores poéticos sensíveis a todos. Vive no mesmo plano de poesia eterna em que vive a canção ou o poema anônimos, nascidos do coração do povo no decorrer dos séculos, em que vive o folclore mundial, e encontra, como ele, toda a sua profundidade e toda a sua grandiosidade, na simples natureza e no simples coração.



ENCONTRAM-NO, CONSOLAM-NO E AGORA JÁ SÃO TRÊS...

... DUMA CONVERSA COM NITA BRANDÃO

Se vocês não conhecem Nita Brandão desconhecem a mais *bonita Nita* que o cinema vos dá. É *branda*. Não é como vocês calculam porque é incalculavelmente *graciosa* e *culta*, *modesta* e *alegre*. Irradia *bondade*. O *olhar* é *meigo*; a *voz* *suave*; o *sorriso* *dóce*.

A sua *figurinha esguia* tem as *linhas duma escultura estilizada*.

Possue uma *ingenuidade ingénua* e uma *simpatia simpática*.

Possue... tantos *predicados*, tantos... Mas teve para mim, que conversei com ela para saber coisas, um grande defeito: é que começou a falar e fiquei a ouvir a sua *voz harmoniosa* em vez de dar *atenção* ao sentido das suas *palavras* e, da *conversa*, não fixei mais que a *musicalidade* da *voz* dessa *mocinha* de vinte e um anos.

Não, não pode ser, tenho que me recordar de alguma coisa, *duma só frase* que seja.

Olho atentamente uma *infinidade* de retratos de Nita Brandão e surge em mim uma *revolta* contra os *fotógrafos*. *Protesto*. A Nita não é assim. É muito mais *linda* do que *esses senhores* a têm feito. *Esperem*, descobri agora uma *foto melhor*; é ela que vai *ilustrar* este artigo.

Mas lá estou eu a derivar. O que preciso é recordar-me da *conversa*. Ah! já me lembro. Primeiramente explicou a sua *entrada* para o cinema. Foi a uma *festa* em que estavam muitos *artistas cinematográficos* e apresentaram-lhe, entre muitas outras *pessoas*, um *realizador*. Conversaram. Nita Brandão disse que *cultivava a dança* e pouco depois *ele convidava-a* para entrar na *versão espanhola* dum filme.

Mas, como nesta altura se *organizavam* nos *studios francezes* da *Paramount* as *primeiras versões* na nossa *língua*, a *gentil portuguezinha* preferiu entrar na *Canção do Berço*.

Quando surgiu a altura do *contracto* perguntou *alvorçada* se tinha que dar algum *beijo*. Disseram-lhe que não, e, já mais *tranquila*, assinou. Mas mal acabava a *assinatura*, entrou *atrapalhadíssimo* no *escritório* um *realizador*, que precisava *duma rapariga* para *terminar* uma *cena*. Pediram a Nita Brandão, e ela *acedeu*. Logo a *primeira indecisão* foi na *escolha* do *vestido* pois havia-os às *centenas*. Levaram-na para o *camarim*, do *camarim* para o «*maquilleur*» e *dêste* para o *realizador*. O *filme* era *italiano*. Feitas as *apresentações* do *estilo*, explicaram-lhe a *cena* e ensinaram-lhe *duas ou três frases* em *italiano*. *Apareciam* ao *fundo*, o *galã* e ela, de *mãos dadas*; vinham *andando* em *direcção* da *objectiva*; *despediam-se* e *começavam a afastar-se* lentamente, com as *mãos unidas* ainda e, quando a *distância* entre os *dois* era a *maior possível*, — coisas do *destino!* — beijavam-se.

A *nossa* ainda *inexperiente* Nita *córou* e *negou-se* a *fazer* a *interpretação*. Parecia de *propósito*. Depois, lá se *convenceu*, quando lhe *explicaram* que era um *beijo* no *rôsto*, *dado* muito *ao* de *leve*, para não *sujar* a *marca* dos *lábios* que iam ser *pintados* antes da *cena*, na *face* do *galã*.

Ela, a *rapariga* que não *queria* dar *beijos*, foi com um *beijo* que *iniciou* a sua *carreira* *artística*.

Nita Brandão é uma *rapariga culta*; discute *todos os assuntos*. Referiu-se a *António Sérgio*, seu «*pai espiritual*», em *virtude* de ser *êle quem a tem orientado* na *educação*. Freqüentava em *Paris* o *curso Dalcroze*. Falou do *cinema educativo*, do *cuidado* que *presentemente* se *começa* a *ligar* à *educação* das *crianças* e das *escolas* que *existem* em *Paris* onde se *procura* que a *juventude sinta* *tôdas* as *Artes*. Nestas *escolas*, uma das *maneiras* com *muitas vezes* *reconhecem* a *psicologia* *duma criança*, é *pela interpretação* que dá aos *sons musicais*.

Descreveu depois *cênas* do «*Gado Bravo*». A do *casamento*, por exemplo, em que teve de *passar* entre *40 campinos* que lhe *faziam* a *guarda* de *honra*. Apesar de ter *muito medo* dos *caballos*, lá *atravessou* com um *sorriso* a *bailar-lhe* nos *lábios* e a *longa cauda* do *vestido* a *arrastar* no *chão*.

A *madrinha* foi uma *rapariga* da *sociedade*, *auténtica* *descoberta*, que *possivelmente* será a *protagonista* de um dos *próximos filmes* do BLOCO.

Como *convidados* do *casamento* *figuraram* muitas das *melhores famílias* do *Ribatejo*. As *tomadas* de *som* foram *feitas* *directamente* pelos *aparelhos Éclair Radio Cinema* *adquiridos* pelo BLOCO.



NITA BRANDÃO PARECE ZANGADA. NÓS NÃO ACREDITAMOS. E VOCÊS, LEITORES?

Artur Duarte aparece no filme como irmão de Nita, e ha realmente entre os dois, uma certa semelhança fisionómica que o leitor paciente vai descobrir.

A vedeta portuense tem a seu cargo um papel de ingénua de que gosta imenso. Agrada-lhe também aquele género em que estamos habituados a ver a Anny Ondra. Acha que a cena mais difícil que lhe marca o *découpage* do «Gado Bravo» é uma em que aparece zangada com o noivo.

Nita Brandão tem ultimamente *posado*, quando as filmagens o permitem, para uma figura de musa que o escultor João Silva está a executar no monumento que vão erigir na Guarda a Augusto Gil.

Perguntamos-lhe se sempre tinha uma canção no filme, o que ela confirmou. Disse-nos também que está contratada por um ano para o BLOCO. Depois falamos do Pôrto, sua terra natal, donde saiu muito nova, mas por onde tem passado várias vezes embora com curtas demoras.

Falou da maneira encantadora como a receberam quando chegou ultimamente de Paris.

Todo o tempo que pôde estar fora do navio foi para passear pelas ruas dessa cidade de que tanto gosta.

.....
E estava eu a dizer que não me lembrava de nada do que tínhamos dito.

t e l m o f e l g u e i r a s



Na tão disputada votação da nossa animadíssima Assembleia Geral, muitíssimo mais importante do que a da Companhia Nacional de Navegação—embora muitíssimo menos fecunda em expressões de mercado de peixe em dia de feliz traineira, graças à intervenção do nosso austero Vasco Rodrigues que, embora inimigo do sufrágio, sempre foi assumindo a presidência a pedido das várias famílias do protocolo, eu nem sequer abichei a amostrazinha dum voto único para a Camila Horn da minha candidatura.

Ora eu que nem à hora da morte me conformarei com a triste sina que me coube de, mesmo à sobreposse, apresentar aquela pobre criatura sem conseguir (apesar da *péninha pá disfarçá* da anedota) impingi-la à veneração dos fies no rateio daqueles sete pecados mortais constituintes da ordem do dia da supra-mencionada assembleia, aproveito agora, para o meu mais solene desabafo, esta preciosa conjuntura em que uma data respeitável de não menos respeitáveis *êles e elas* admiradores de Norma Shearer, a propõem para a alta dignidade de madrinha do nosso «Movimento» em marcha. Houve até uma prolifera família cinéfila com sursuais montadas em numerosas comarcas do continente que, quasi exigindo a eleição de Norma no louvável intuito, por certo, de angariar uma assinatura doméstica colectiva, se não chegou a imprimir listas, estabeleceu uma fórmula única de redacção epistolar como nos requerimentos públicos; as cartas pareciam públicas-formas umas das outras—só faltando o carimbo do tabelião. Por isso o Amok, na «estação de serviço» se comprometeu a que neste número alguém lembrasse Norma—a sublimemente bela! E logo a sorte foi cair ao capitão general...

Oh! um artigo sobre Norma Shearer—mas apoiado, apoiadíssimo com todos os pp!!

Ela, só ela, Norma-a-sublime, seria aquela que eu livremente escolheria também para ser eleita na Assembleia Geral—se no momento actual o voto fôsse livre.

Quem não se recorda ainda—para não desfiar agora

aqui o já inevitável rosário, em artigos desta sorte, dos filmes que desempenhou através a sua esforçada carreira de artista—de «Uma alma livre» com Clark Gable e Lionel Barrymore, das «Vidas Íntimas» com Robert Montgomery, e sobretudo dessa séria realização de Bob Leonard «A Divorciada» onde Norma mostrou, junto de Chester Morris, todo o seu talento e toda a sua prodigiosa graça de mulher na criação do papel de Jerry?

Que David W. Griffith tivesse cometido o sacrilégio de não considerar Norma fotogénica—o que tanto prejudicou o início da sua carreira!—quasi nos faz sorriso e quasi nos revolta, quando a sua expressão e enfim todo o seu geito, são tão claramente animados daquele fogo interior que ao mesmo tempo nos revela a simplicidade na alegria como a profundidade na ternura duma alma ao mesmo tempo estouvada e quieta, altiva e meiga, deliciosamente bela sem ser provocante, elegantíssima sem os excessos eujoativos do *sex-appeal*. Numa palavra: Norma Shearer pode, com «seus olhos húmidos e transparentes onde nada transparece» no dizer de Jean-Paul Dreyfus, definir-se por duas palavras apenas, ajustadas à sua personalidade como os seus vestidos se ajustam ao seu corpo esbelto de ânfora romana—**naturalidade e sobriedade**.

Quanto a mim quero crer que Norma estava directamente indicada para ser cantada por um Cesário Verde; ela seria assim a *grande pomba tépida que arrulha*.

Oh! que enfim a triste Camila Horn tenha paciência e me perdoe a franqueza com que repudio a sua candidatura, mas foram os próprios leitores do «Movimento» que a repudiaram não fazendo caso algum. Demais, se há criatura oposta em temperamento e figura à pobre Camila enfeitada é precisamente Norma. Há em Camila qualquer coisa de gôndola e de cisne que me perturba e me desequilibra cá o neurone central—qualquer coisa de doêntio e complicado que me coega e eu temo muito estas complicações: eu sou por Norma, eu sou *normal*...

P. S.—Depois de alinhavada a prosa, cá por coisas, vejo-me coagido a retirar o *austero* ao nosso camarada Vasco Rodrigues. Que pena! Ia-lhe tão bem...

l u i z g u e d e s

MIRNA LOY

O motivo da minha escolha não significa mera piedade por essa gentil rapariguinha, que Rodolfo Valentino um dia descobriu e que, no dizer do Alberto de Serpa, *é triste e não sabe sorrir*. Não me impressionou, também, a afirmação de que Myrna «não sabe enganar, nem mentir, nem fingir». Pura fantasia, meus amigos! Deve estar ainda muito longe de nascer a primeira mulher que, por mais pacifista que seja, se resolva a depôr tão perigosas armas...

Portanto, a minha simpatia por Myrna Loy tem uma origem diferente. Não é de hoje; vem de há tempos, através de interessantes fotografias que tenho visto dela e de alguns artigos, que a seu respeito li em revistas inglesas. E já no meu espirito ganhára forma o desejo de escrever qualquer coisa sôbre ela, quando recebi o amável convite de colaborar no «Movimento» e num dos seus números passados surgiu aquela radiosa *ursa maior* de estrêlas de cinema...

Lá vinha Myrna Loy, — a antiga bailarina dos palcos de Los Angeles e do Grauman's Egyptian Theatre, de Hollywood, — a padrinhada gentilmente pelo Alberto de Serpa. Não hesitei mais. Sim, Myrna seria um gracioso assunto, para o meu primeiro artigo cinematográfico...

Os artistas de cinema são hoje, indubitavelmente, os seres que mais exaltadas e vibrantes paixões despertam na alma das multidões, em todos os pontos da terra. O seu domínio é absoluto e universal. São eles os conquistadores privilegiados do século XX, porque o seu prestígio, ultrapassando todas as barreiras naturais de raça e nacionalidade, arrasta e fascina as mais diversivas sensibilidades.

Há, porém, qualquer coisa de bruto e feroz na idolatria das multidões. E os pobres artistas de cinema são, por vezes, vítimas das exigências absurdas dos seus adoradores, que não admitem e não podem conceber, que os seus ídolos sejam, na vida real, simples mortais de carne e osso...

Eles devem continuar, cá fóra, o maravilhoso efêmero da tela. E assim, para satisfação dos góustos e da curiosidade mórbida do público, as Empresas e Agências publicitárias criam e propalam as mais desvaçadas lendas, histórias inconcebíveis, extravagantes.

Myrna Loy teve também a sua lenda!

Afirmou-se, que ela nasceu duns amores misteriosos de Mata-Hari-a bailarina dos *pés de ouro*... E pena é que assim não tenha sido, porque o tipo oriental de Myrna Loy, seu cabelo ruivo, formando um harmonioso conjunto com o verde dos olhos obliquos e nostálgicos, iria bem a uma filha dessa espia célebre, fuzilada, numa ante-manhã de Outubro, no polígono de Vincennes, por ordem do *tigre* da Vendaia!

A verdade, porém, destrói os prodígios da Fantasia. E a pobre Myrna é simplesmente a filha de Mrs. Williams, nascida, prosaicamente, em Helena, no estado de Montana, em agosto de 1905. Contudo, em substituição do maravilhoso da lenda, o seu talento criou nova teia de encantos e atractivos. Celebriza-se, como bailarina, nos teatros de Los Angeles. Vai, depois, para a sugestiva *capital das imagens*; e aí, em Hollywood, um fotógrafo famoso, impressionado com o recôrte oriental dos seus olhos, — verdes como os da «menina dos rouxinóis» e certos olhos felinos que eu conheço... —, aproveitou-a para admiráveis motivos fotográficos.

Por acaso, Rudolfo Valentino viu êsse retrato e quis conhecer Myrna. Apresentou-a a sua mulher, Natacha Rambova, que, por sua vez, a convidou para uma *prova* no filme «Cobra», que os dois iam justamente começar. O resultado foi terrível e Myrna, profundamente desgostosa, desertou do estúdio, aceitando novos contratos dentro da sua profissão de bailarina.

Só bastante mais tarde é que soube que Natacha Rambova a procurára, pouco depois do insucesso, por se ter averiguado que êste fôra devido, sômente, a um defeito técnico de filmagem. E então, protegida pela viuva de Rudolfo Valentino, entrou definitivamente no cinema. Desempenhou diversos papeis em bastantes filmes mudos «Pretty Ladies», «Don Juan», etc.

Com o aparecimento do *sonoro*, «A Canção do Deserto» marca o seu primeiro grande passo a caminho da celebridade. O papel de *Azuri*, a bailadeira, coadunava-se admiravelmente com o seu tipo e a sua arte. Continuou. «Transatlantic», «Vaniy Fair», «Love me to-night» e o delicioso papel de Cecília Henry em «The in his House», ha pouco estreado em Londres, com Leslie Howard e Ann Harding, são outros tantos reais sucessos na gloriosa carreira que vai trilhando.

Desportista distinta, bailarina e actriz de cinema, Myrna Loy é também, como seu irmão David Williams, uma escultora de merecimento. Nas horas livres, na sua casinha de Beverly Hills, suas mãos inspiradas modelam, insuflando vida ao barro inerte...

Myrna Loy é bela e tem talento! E depois — seus cabelos côr de fôgo e aqueles olhos verdes, misteriosos, felinos, são argumentos formidáveis. que convencem!...



horácio de castro guimarães

VALA COMUM

Certo crítico indígena, de prosa pessoal e anafada corpulência permitiu-se insultar colectivamente em público, todos os que trabalham nesta revista. A muita consideração que a todos nós merece o local em que o cavalheiro em questão pôs a nú os seus instintos, impediu que lhe fôsse dada a merecida resposta. No entanto... muito cuidado, Sr. Edurisa! Não atire pedras. Os seus telhados, nem de vidro são!

✱

A troca das cadernetas do concurso «Movimento - São João-Cine», pelas senhas numeradas, será feita nesta redacção, das 10 às 12 dos dias 4, 5 e 6 do corrente mês.

✱

Três novos colaboradores enfileiram ao nosso lado: Dr. Sant'Ana Dionísio, Horácio de Castro Guimarães e Manoel de Oliveira, o galã da «Canção de Lisboa» e realizador de essa maravilha que é o «Douro, faina fluvial» ainda não conhecido no Pôrto e que tantos elogios mereceu de Emill Wuillemoz. Agradecemos-lhes a anuência ao nosso pedido, pela valorização que as suas qualidades nos vem trazer.

✱

Confirma-se a notícia de que um novo filme de Charlot vai ser feito.

O assunto e a distribuição dos papeis ignoram-se, por enquanto.

No entanto sabe-se desde já que será apresentado, o mais tardar, no próximo Natal, no estrangeiro, já se vê....

✱

O próximo filme de Lilian Harvey para a Fox chamar-se-ha «Marionettes».

Este filme, produzido por Jesse L. Lasky, terá como realizador Rowland V. Lee, director de «Revolta no Zoo» que o São João exhibirá na próxima época de inverno, provavelmente com o sub-título de «Orfãos em Budapest».

✱

Não se confirma a notícia de que Maurice Chevalier interprète a «Viuva Alegre» para a Metro.

Parece que o popular actor se

recusa a desempenhar mais papeis de principe ou oficial de opereta, tencionando regressar a França onde será a vedeta da nova revista do Casino de Paris. De todos os modos, se Maurice filmasse «A Viuva Alegre» a sua partenaire não seria Jeanette Mac Donald como se disse, mas, provavelmente Norma Shearer ou Joan Crawford.

✱

Publicamos, como fôra anunciado, um artigo de Leitão de Barros.

Felicitando-nos e felicitando os nossos leitores pelo prazer que esse facto nos traz e, por certo, lhes trará, não queremos deixar de agradecer de novo a Leitão de Barros, a amisade com que nos honra.

✱

No próximo número daremos aos nossos leitores as impressões de Corália Escobar, uma das «meninas da TOBIS» num artigo que a própria escreverá. Daremos, ainda, uma entrevista sensacional com Beatriz Costa. E, possivelmente, honrar-se-ão as páginas de «Movimento», publicando um artigo assinado por Nita Brandão, a nossa gentil conterrânea que faz a «ingénua do GADO BRAVO».

✱

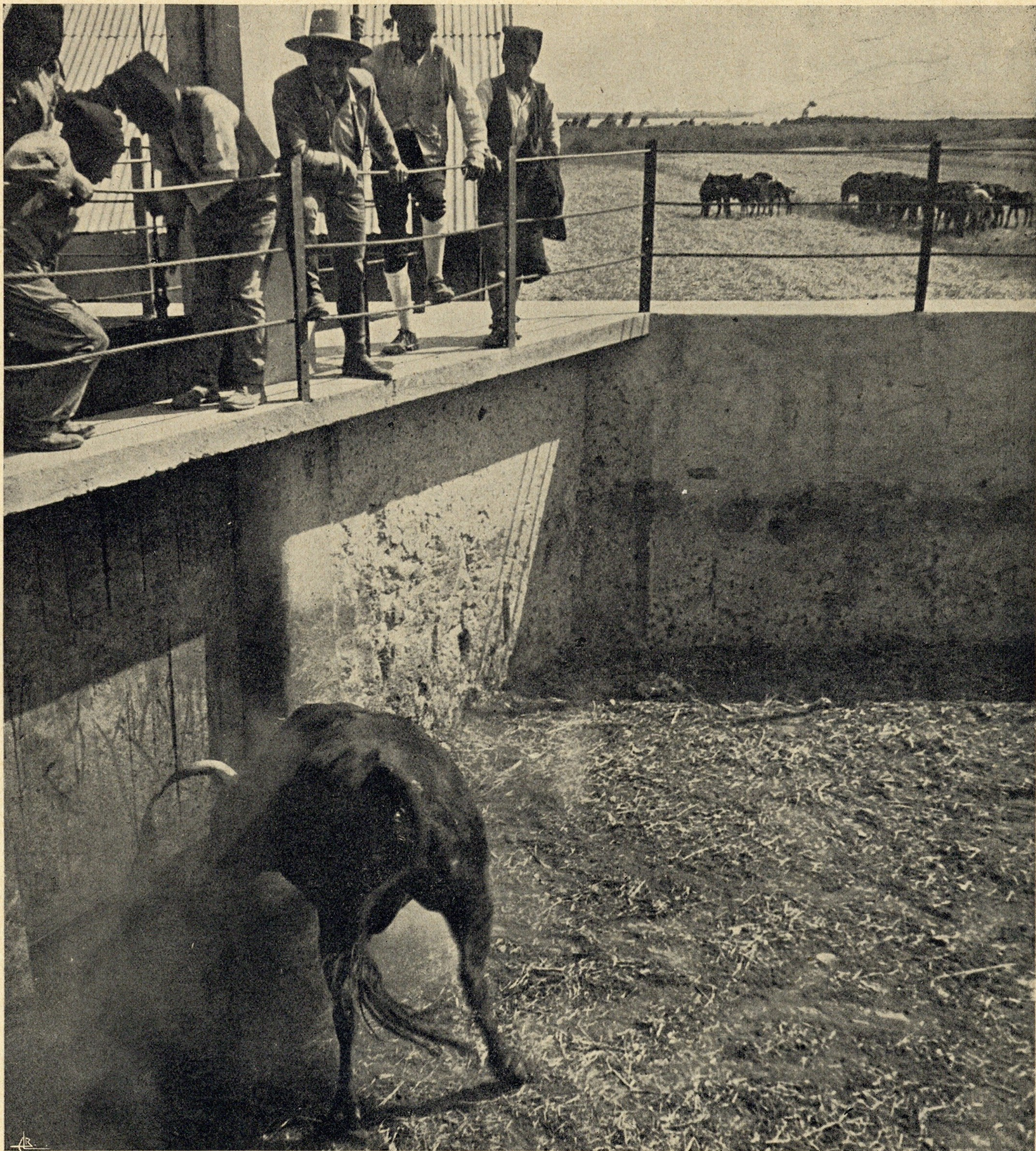
Temos outra notícia de sensação a dar aos nossos amigos. A Festa de «Movimento» vai realizar-se com um programa que lhes agradará, temos a certeza. Serão algumas horas que passaremos juntos e que, deixando-nos mais próximos uns dos outros, nos deixarão decerto o desejo de as renovar.

Já no próximo número marcaremos aos nossos leitores e assinantes o dia em que deverão passar pela nossa redacção em procura dos seus bilhetes.

✱

Todos os nossos cinemas se preparam, activamente, para a nova época. Nós, que não tivemos férias cá estamos firmes no nosso pôsto. A ver vamos se conseguimos que se fale dos filmes que veja o nosso público, com um pouco mais de independência, bom gosto e juízo crítico....

Foto LUIZ NUNES



UMA CENA DO FONOFILME «GADO BRAVO» DO BLOCO H. DA COSTA, QUE BREVEMENTE VEREMOS NO SÃO JOÃO

SÔBRE O VALÔR DO SILÊNCIO

Obstinação? Talvez. A verdade é que me dou bem ainda com a opinião de que o cinema, o Cinema-Arte (porque ha o cinema-distracção, e êsse, incontestavelmente, é o audível) é, e só pode ser, o cinema silencioso. Mas êste cinema — dizem os que vão ao cinema como vão às revistas do ano — é monótono, cansa, adormece.

A êstes não temos que responder, o parentesis de cima basta. Mas ha outros, os entendidos, que costumam objectar: o cinema silencioso tende a desaparecer porque é mórbido, amarfanha, aproxima-se muito do pesadêlo, tem não se sabe o quê de anti-vital, de noturno, que nos desindividualiza; de mais, acrescentam, é uma expressão incompleta e unilateral: dá-nos do mundo só a aparência visual, parecendo ser um desfile de sombras, de coisas sem consistência, irrealis....

A estas objecções respondemos:

Justamente, os senhores veem muito bem, que o cinema silencioso tem de facto tudo isso. Simplesmente o que os senhores apontam como uma razão para o condenar, para nós é precisamente o que lhe dá a superioridade de ser Arte — enquanto que o *sonoro*, tentando ser uma expressão mais completa dêsse mundo não o é.

Reflita-se um instante: o que é, de facto, a verdadeira Arte, qualquer *modo* ou género de Arte, senão uma apreensão baseada na mais rigorosa abstracção, na tamização daquilo que para ela é essencial e desprêso do que ela julga que não lhe pertence, em qualquer coisa como a redução do mundo a uma dimensão espiritual ou sensorial? Parece que assim é, com efeito.

A pintura procura antes de tudo a côr; a escultura o relêvo; a poesia.... Nenhuma tem a pretensão de dar uma visão integral da realidade; elas, de resto, não vivem senão para lutar contra aquilo que em regra se chama realidade. Ora o cinema sonoro não é outra coisa senão uma desobediência a êste princípio da voluntária limitação de qualquer Arte, querendo dar simultâneamente duas qualidades, isto é, um mundo com duas dimensões estéticas: a luz e o som. É uma tentativa análoga ao que seria a de uma pintura que quizesse acumular a côr e o relêvo. A intenção foi, certamente, boa, mas perniciosa: ela conduziu o cinema ao que se pode chamar uma hiper-apreensão, uma simbiose de sentidos, coisa muito interessante como habilidade técnica mas consideravelmente lesiva da capacidade *irrealizante*, que é o mesmo que dissesse artística, dêste estranho, inestimável e tão estragado expediente de sugestão do invisível pela representação do mundo visível.

O grande valor do cinema silencioso está na sua secreta e inexgotável potência musical. Quanto não dariam os trágicos gregos, êles que tanta estimação tinham pelos transes mudos, por uma arte do Silêncio!

Nós, os modernos, mal habituados à admiração de tudo o que é velho, não vimos ainda talvez o significado e o valor profundo desta Arte cheia de mistério. Daí os maus tratos que estamos a infligir-lhe....

s a n t ' a n a d i o n í s i o

EDITORIAL "MOVIMENTO"

Presadíssimos amigos:

Tem-nos faltado o tempo e o espaço para vos dizer claramente o que é a EDITORIAL MOVIMENTO, quais os seus fins, o que está feito, o que se vai fazer. Vão hoje essas explicações.

Como vocês próprios concordarão, o nome da nossa revista só terá justificação, se nós formos dia a dia tomando e realizando novas iniciativas, progredindo, enfim. Não é fácil. MOVIMENTO nasceu apenas do nosso colectivo sonho e da nossa colectiva boa-vontade. Vive sem o auxílio de ninguém, mantendo-se moderna, desempoeirada, independente e juvenil, apenas pela força da nossa vontade, da nossa energia, da nossa perseverança e do nosso trabalho honesto. Todos nós — com orgulho e satisfação o proclamamos — não recebemos qualquer remuneração. Pois muito bem. Apesar disso as inimizades chovem sobre nós, com maldade e sem elevação. Mas isto não nos interessa. Contámo-lo apenas para vos mostrar como é difícil a tarefa que tomamos sobre nós e que temos cumprido bem, não é verdade?

EDITORIAL MOVIMENTO, é, como sabeis uma nova secção da nossa revista, destinada à publicação de pequenas obras de vulgarização e elucidação cinematográfica, acessíveis a todas as inteligências e a todas as bolsas. A primeira série de publicações constará de 6 CADERNOS DE ELUCIDAÇÃO CINEMATOGRAFICA, vendidos avulso a 3\$00 e por assinatura a 2\$50 cada um. Sairão estes cadernos mensalmente, a começar em fins de Outubro próximo, no formato corrente de livro, ilustrados, com capa a cores e com 32 páginas de texto cada um.

O assunto destes cadernos serão as conferências que todas as semanas, na emissão noturna das 2.^{as} feiras, os nossos redactores vão fazendo ao microfone do pósto Rádio-Emissor da Casa Forte, gentilmente cedido pelos seus proprietários para esse fim.

Deste modo, o primeiro caderno, a sair em fins de Outubro próximo, conterá duas conferências: a do nosso camarada Alves Costa, sobre o tema «Cinema Nacional» e a do nosso camarada Fernando Barros, sobre o tema «A nova teoria da juventude».

O segundo caderno, a sair em Novembro, conterá na mesma duas conferências: a do Dr. Rodrigues de Freitas sobre o tema «O Cinema e a Poesia» e a do Dr. Luís Guedes, sobre o tema «Mecanicismo, Cinema e Regresso à Natureza».

O terceiro, a sair em Dezembro, conterá a conferência que o Dr. Adolfo Casais Monteiro leu ao microfone na noite de 25 do corrente, sobre o tema: «Significado do Cinema» e a que será lida na noite do dia 2 de Outubro pelo nosso camarada Alexandre Serpa e terá por tema «O Cinema e a Guerra».

O quarto caderno, a publicar em Janeiro, será preenchido pela conferência do nosso camarada Armando Vieira Pinto, intitulada «Charlot, a Vida e a Verdade Cinematográfica» radiada na noite de 9 de Outubro, e pela do nosso camarada Alexandre de Médicis, intitulada «Cinema, Público e Programas», radiada na noite de 16 de Outubro.

Os dois últimos cadernos conterão as conferências dos nossos camaradas: Vasco Rodrigues intitulada «O Nacionalismo Cinematográfico», D. Marianela de Castro que se encontra no estrangeiro e, como é preguiçosa ainda não disse sobre que falava, Dr. Sant'Ana Dionísio e Manoel de Oliveira.

Resta apenas que vocês se inscrevam como assinantes da *Editorial Movimento* que, reparem bem nisto: Só INICIARÁ A PUBLICAÇÃO DOS CADERNOS DE ELUCIDAÇÃO CINEMATOGRAFICA, se a assinatura tornar possível esta publicação.

Incluso nesta revista vai um boletim de assinatura. Inscrevei-vos. Ficareis com uma obra de elucidação cinematográfica bem escrita, bem apresentada, baratíssima e ajudareis a boa-vontade de meia dúzia de rapazes que para vocês trabalham e para os quais interessa, acima de tudo, a vossa amizade e a vossa compreensão do seu esforço.

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SALA DE ESPERA

Por mais esforços que faça, por mais que reduza as respostas que dou na secção de expediente, já não consigo trazer em dia toda esta correspondência que ultimamente tem vindo.

São muito justas algumas das queixas que recebi. Vocês têm carradas de razão... mas eu é que não posso dar remédio a isto, por enquanto: Não tenho «pano para mangas»...

Vocês, que são uns rapazes simpáticos e umas raparigas muitíssimo amáveis, perdoar-me-ão. E tenham paciência. A todos responderei. Mas deem-me tempo... senão justifico o meu pseudónimo... e isso, naturalmente, Vocês não quererão...

EXPEDIENTE

UM DE OLHOS AZUIS — Vocês sempre arranjam cada pseudónimo!... Não devolvemos fotografias. Sobre a festa, leia o que se tem dito em números anteriores. Continue escrevendo.

ESTUDANTE CINÉFILO-NUDISTA — Ora seja bem aparecido! A sua carta deu-me imenso prazer, mas é-me difícil responder-lhe como eu gostaria, porque o espaço de que disponho é limitadíssimo. Mas, vamos lá a ver: Não sou da sua opinião com respeito ao filme *O Club dos Suicidas*, que eu acho nitidamente mal feito e mal desempenhado. A cena da mulher emparedada e do gato, a que Você se refere, e que podia ser extraordinariamente impressionante, é sobretudo ridícula de limitado efeito...

O mal que Você encontra em todo o cinema actual é a resultante do comercialismo sem escrúpulos de todos os produtores, sem excepção. Olhe o pobre do Erich von Stroheim, tão grande actor e tão grande realizador, que está na miséria e sem trabalho... por não querer submeter a sua inteligência criadora às ordens dos senhores do cinema americano. Ao cinema não faltam assuntos para tratar, o que falta é quem trate esses assuntos ou quem deixe os outros tratá-los livremente. Creia nisto.

Não respondi a todos os pontos da sua carta, mas Você perdoar-me-á. Não foi falta de vontade, foi falta de espaço. Conto para breve com nova carta sua.

CINÉFILO DOS 4 COSTADOS — A sua assiduidade só me dá prazer, pode acreditar. Escreva quantas vezes lhe apetecer e cartas tão grandes como deseje. O que eu não posso é dar-lhe respostas directamente proporcionais, devido à falta de espaço.

Já numa resposta anterior me referi a Erich von Stroheim. Como vê estamos de acôrdo.

Agora vamos às suas perguntas: Não é natural que na próxima época se exibam filmes no género de «Emilio e os Detectives» e «As Proezas de Skippy», infelizmente... 2.^a — Presentemente não lhe posso responder. 3.^a — Não pensamos organizar matinées infantis. Veremos, no futuro, se isso nos interessa.

E. DIONYSIUS MIRANDA — A Norma Shearer teve realmente grande número de votos. E, para lhe ser agradável, pedi ao Luis Guedes

que escrevesse um artigo dedicado a essa notável artista. Está contente? Você perdõe, o Fernando Barros não fez aquilo por mal... É preciso combater certo cinefilismo óco e os primeiros golpes teem de ser rudes... Mas Você repare que a carapuça é só para quem a enfiar... De resto, em outros pontos, Você tem razão. Conheço pessoalmente esse leitor a que Você se refere em termos ameaçadores... e creio que está enganada. Não sei que lucraria êle em mentir. As razões que me levaram a escolher o pseudónimo que uso são muito complicadas para poder expôr-lhas. Mas quais são os seus motivos para o achar tão antipático? Fica registado o seu endereço. Se vier alguma correspondência para si, enviar-lha-ei.

MADMOISELLE INSENSÍVEL — Se calhar não é... Se Você conhecesse um certo ritual de que o Casais Monteiro faz alarde... a minha amiga mudava logo de pseudónimo...

A Marianela de Castro também protestou contra o artigo do Fernando Barros... mas não ha quem o convença... E aqui para nós, que ninguém nos ouve, eu se fôsse a Você antes queria o Manuel de Oliveira...

Foi comunicado à Administração o assunto que lhe dizia respeito. Para outra vez é conveniente não tratar de assuntos administrativos em cartas a mim dirigidas, para evitar complicações. Obrigadinho pela sua simpatia e creia que terei muito gôsto em tornar a receber cartas suas.

ELISSEN V — Considerando a nossa revista esplêndida e muito interessante, só prova que tem bom gôsto. «Movimento» conservar-se-á quinzenário... até nova ordem.

O PRÍNCIPE NEGRO — Sou justamente a pessoa em questão. Deixe lá o Ramon Navarro em paz. Coitado do homenzinho. Tem tanto direito á vida como Você... Liane Haid mora em Charlottenburg, Fasanenstrasse, Hotel Savoy, Alemanha. Sobre a Editorial leia o artigo deste número.

LUBÉLIA — Também gosto imenso da Lillian Harvey. E então o Francisco Viana? Esse rebola-se todo... Escreva a Lillian para Fox Studios, 1401, N. Western Avenue, Hollywood, Cal., U. S. A.

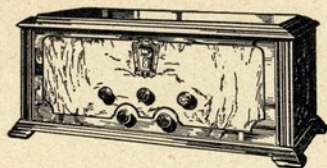
APARTADO N.º 13

MADMOISELLE INSENSÍVEL — Apresenta cumprimentos a Príncipe de Pickfair e Beltrão Dugesclin... que eu não sei quem é.

ELISSEN V (Lisbôa) — Deseja trocar correspondência com leitoras portuguesas do «Movimento».

UMA VAMPZINHA — Tem aqui uma carta que lhe será remetida logo que nos comunique a sua direcção.

O REI DO RISO (Faro) — Deseja trocar correspondência com cinéfilas do Norte e trocar revistas e jornais de cinema.



Vai entrar em vigor, como sabem, no próximo dia 1 de Outubro o «Regulamento das Instalações Radioelétricas» e assim a rádio-telefonía em Portugal terá deante dela uma nova era, que, por enquanto, não sabemos se será de progresso ou retrocesso.

Este Regulamento em tudo fala, mas de início limita-se apenas a fazer cumprir o pagamento da taxa com que cada radiófilo tem de contribuir sem distincão de receptor, pois, segundo essa mesma lei, tanto paga o modesto galenista como o possuidor de um dos melhores e mais luxuosos aparelhos receptores.

A direcção do Pôsto Emissor C. S. 1 C. F., Casa Forte, já tinha marcado ha muito a sua attitude, pois quando foi chamada a uma reunião no Rádio Club do Pôrto, para apreciar o referido Regulamento, chegou a fazer uma proposta que seria menos pesada e massadora para os radiófilos em geral e traria, certamente, uma maior receita para cobertura das despezas da Emissora Nacional.

Mas o que está feito, feito está. E embora ainda hoje nada compense os auditores da contribuição cujo importe em breve vai ser cobrado, talvez a confiança em melhores dias seja um lenitivo e uma certeza. Pergunta-se porém: Que se fez até agora para combater os parasitas, telegrafia e todos os demais aborrecimentos que a radio-telefonía ainda tem no nosso País, os quais só poderão desaparecer quando uma lei defenda os interesses dos radiófilos?

Que se fez até agora para que as emissoras do Pôrto tivessem o seu horário ao abrigo de uma lei em vez de trabalharem à vontade, à hora apeteçada por cada um e sem respeito pelos ouvintes não possuidores de aparelhos absolutamente modernos, capazes de evitar as interferências das estações locais?

O leitor conhece bem os esforços do Pôsto Emissor C. S. 1 C. F., Casa Forte, para que a regulamentação das emissões radiofónicas na cidade do Pôrto fôsse um facto, e no arquivo dêsse Pôsto Emissor existem centenas de cartas, — provas irrefutáveis — de felicitações recebidas por essa iniciativa, apoiando-a incondicionalmente.

O Pôsto Emissor C. S. 1 C. F., Casa Forte, como é do conhecimento dos leitores não foi construído com o fim especulativo de se dedicar à propaganda reclamista, mas, sim, unicamente para o público ter conhecimento de que a Casa Forte é uma casa especializada no ramo de T. S. F. Desde o seu início, este Pôsto Emissor combateu sempre a propaganda. Que cada Pôsto Emissor fizesse a propaganda da sua casa, da sua aparelhagem de T.S.F. etc., estava bem; mas, que sem respeito pelos seus ouvintes lance atravez do microfone verdadeiras rajadas de anúncios incômodos e massadores, não está certo.

Um dia a «Administração Geral dos Correios e Telégrafos, achou por bem terminar com a propaganda especulativa e massadora feita pela maior parte das emissoras do Pôrto e fez distribuir uma circular pelas direcções dos referidos postos, proibindo-a. Claramente: a carapuça não serviu à Casa Forte, porque não era o seu Pôsto Emissor quem prevaricava. O Pôsto C. S. 1 C. F. continuou com as suas emissões, sem protestos contra uma ordem superiormente recebida e unicamente com um fim: «Bem servir o público radiófilo sem a menor compensação».

Calculem os leitores o sacrificio que o Pôsto Emissor C. S. 1 C. F., Casa Forte, tem feito e continuará fazendo para lhes proporcionar emissões. Pode, porém, com justificado orgulho, este Pôsto considerar-se o mais potente e perfeito da cidade do Pôrto

E por hoje, como o espaço não respeita a vontade, não quero terminar sem dizer aos leitores de «Movimento» que a Crosley Radio Corporation de Cincinnati, Ohio, da qual a Casa Forte é distribuidora exclusiva, apresenta um modelo de receptor absolutamente novo.

Trata-se do modelo «Secretary» aparelho de 10 lâmpadas, com dois alto-falantes electro-dinâmicos, para ondas de 12 a 600 metros (extra-curtas e médias) ligação para gramofone, etc. O preço é excessivamente módico, tendo este modelo as características dos mais caros e grandes receptores, estando montado num pequeno móvel de mesa de fácil transporte. Ilustra hoje este artigo uma gravura dêsse moderníssimo aparelho. E, querendo, podem V. Ex.^{as} solicitar da Casa Forte sem qualquer compromisso uma demonstração de *Crosley-Radio* — A voz do Mundo.



Distribuidores Gerais para Portugal e Colónias

MARIO PINTO DE AZEVEDO

Rua da Fábrica, 55 — PORTO

AGENTES NO PORTO

ARMANDO & ARMANDO

(SECÇÃO C)

Rua Elísio de Melo, 28 — Sala 4

TEATRO
AVEIRENSE

AVEIRO

30 0/0 NA MATINÉE
DE 1 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

TEATRO
AVEIRENSE

AVEIRO

30 0/0 NA MATINÉE
DE 8 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

TEATRO
AVENIDA

COIMBRA

30 0/0 NA MATINÉE
DE 1 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

TEATRO
AVENIDA

COIMBRA

30 0/0 NA MATINÉE
DE 8 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

TIVOLI

COIMBRA

30 0/0 NA MATINÉE
DE 1 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

TIVOLI

COIMBRA

30 0/0 NA MATINÉE
DE 8 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

SÃO JOÃO

PORTO

50 0/0 NA MATINÉE
DE 5 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

2 ENTRADAS

SÃO JOÃO

PORTO

50 0/0 NA MATINÉE
DE 12 DE OUTUBRO
— — DE 1933 — —

2 ENTRADAS

7

movimento

O nosso número especial
de ANO NOVO será a
côres, terá 52 paginas e
100 prémios. Leia o que se
dirá no próximo número.

movimento _____ número 7

quinzenário cinematográfico _____ 1 de Outubro

capa, comp. e imp. da
tip. costa carregal
tr. passos manuel, 27
p ô r t o

propriedade de
armando e armando

assinaturas
6 números — 9\$00
12 números — 18\$00
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto
êste número foi visado pela comissão de censura

Editorial Movimento

O primeiro caderno de elucidação cinematográfica

**sairá em
Outubro**

**Preço avulso
3\$00
cada caderno**

**Preço por assinatura
2\$50
cada caderno**

**Dentro desta Revista encontrarás
um boletim de assinatura**

cinéfilo! inscreve-te!